

CORDEL: CULTURA POPULAR NORDESTINA E LETRAMENTO

Benilde Cassandra Neves

Universidade Estadual da Paraíba; benildecassandra2@gmail.com

Roberta Tiburcio Barbosa

Universidade Estadual da Paraíba; robertatiburcio1@gmail.com

Resumo: O ensino de literatura em sala de aula é desafio constante ao educador frente à resistência ou desinteresse do alunado com relação às temáticas e conteúdos abordados. Para que o processo ensino-aprendizagem se desenvolva de forma efetiva é necessário produzir aulas dinâmicas e atrativas ao corpo discente. Nesse viés, a literatura de cordel, ou folhetos, nordestina é elemento imprescindível de discussão/compreensão dos aspectos culturais/políticos/subjetivos da região nordeste, além de fator de grande relevância na constituição da literatura brasileira e mundial. Objetivamos, no presente estudo, refletir acerca da historicidade do cordel e sua respectiva produção e inserção no meio social. Buscaremos compreender a implicação do cordel para o aprimoramento das atividades de leitura e escrita em sala de aula, para tal, apresentaremos os resultados de uma pesquisa na rede pública de ensino, a qual comprova a relevância da abordagem dos cordéis na escola, para o crescimento intelectual e subjetivo e à valorização da literatura popular no ambiente escolar. Através de pesquisa bibliográfica e documental, discutiremos a importância do cordel para a literatura em geral e, principalmente, para a valorização da cultura popular e da subjetividade nordestina. O reconhecimento e reflexão das diversas culturas que compõem ativamente a subjetividade brasileira são indispensáveis à formação do sujeito pertencente a tal conjuntura. A presença da produção nordestina na formação da literatura brasileira ao longo dos anos é não só afirmada pelo cordel, é, também, um importante objeto de problematização das hierarquias e silenciamentos de determinados tipos de obras artísticas na literatura e na memória nacional.

Palavras-chave: literatura popular, cordel, escola.

INTRODUÇÃO

Apesar de, quase estritamente, o conceito de literatura ser pensado e vinculado aos textos do cânone, a literatura, de forma geral, não se restringe a ele, existindo, assim, muitos outros vieses literários, que por questões políticas, culturais, e sociais, não tem o mesmo prestígio e reconhecimento. Um destes vieses da literatura não canônica, no Brasil, é a popular, que se define como uma literatura feita pelo povo e para o povo, e por isso, muito mais representativa dos costumes, cotidiano e cultura da população, que qualquer outra.

Um dos representantes dessa literatura popular no Brasil, que é sinônimo de poesia fielmente nordestina, é chamado popularmente de *folheto nordestino* ou *cordel*. Essa poesia transmite a cultura do nordeste perpassando o tempo e a história com a marca da legitimidade de quem viveu e conheceu o nordeste, como Patativa do Assaré e Leandro Gomes de Barros.

Grande parte dos folhetos nordestinos demonstram as lutas, as dores, os mitos, a realidade no sertão, como também a força e sabedoria do seu povo. Muitos dos escritores que retrataram essa realidade migraram do campo para a cidade e, com a influência dos cantadores (repentistas e emboladores), escreveram, imortalizando a cultura da sertaneja em seus versos, que eram quase que exclusivamente vendidos nas praças e feiras das cidades. Com a migração desses poetas nordestinos para outros estados brasileiros, a literatura de cordel passou a ser reconhecida no restante do Brasil, chegando a ser exaltada por escritores e teóricos como Machado de Assis e Câmara Cascudo.

Primeiramente, a poesia nordestina era conhecida como folheto, pois o seu suporte era, e até hoje é, uma espécie de livro de pequeno porte feito de papel jornal, que ficava exposto nas feiras, para a venda, suspenso em barbantes/cordas. Por essa última característica, o folheto nordestino foi assimilado/confundido ao cordel português, já que este também era um tipo de livreto vendido em feiras e praças suspenso em cordas.

Porém, o cordel português veiculava diversos gêneros, como autos, contos, fofocas, notícias, e etc. Enquanto o folheto nordestino, mais tarde chamado também de cordel, veicula somente um gênero específico, a poesia dos autores nordestinos. Porém, apesar dos poetas produzirem seus folhetos e assim os chamarem, o termo “cordel” se disseminou e, até os dias atuais, os próprios autores se denominam “cordelistas”.

No nordeste a literatura de cordel é popular, criada tendo como inspiração as pessoas comuns, os causos da vida cotidiana, geralmente sertaneja, enquanto que em Portugal eram escritos e lidos pela classe média, como aponta Marinho (2012, p. 19) “os cordéis portugueses, diferentemente dos folhetos brasileiros, eram escritos e lidos por pessoas que pertenciam às camadas médias da população: advogados, professores, militares, padres, médicos, funcionários públicos, entre outros”.

O cordel, como hoje é conhecido, assim como o poema trovadoresco português, teve suas origens em ambientes populares, advindo de uma literatura primeiramente oral, das cantorias que ocorriam em praças e feiras. A influência dessa literatura oral, fez com que a Paraíba concebesse o grande precursor do folheto no Brasil, chamado Leandro Gomes de Barros, que fez da poesia nordestina sua profissão, pois produzia numa tipografia própria, na qual, primeiramente, ele próprio revendia produções suas e de outros artistas. Na contemporaneidade, o seu nome e obra estão imortalizados na literatura brasileira, pela genialidade de sua poesia, sendo reconhecido nacional e internacionalmente como o rei/pai do cordel, que abriu espaço para muitos outros poetas nordestinos.

Entre os escritores continuidade ao trabalho de Leandro Gomes destacamos Patativa do Assaré, poeta popular que também se destacou no cenário nordestino, sendo imortalizado pela sua obra, está exclusivamente voltada para a representação e exaltação autêntica e legítima do cenário nordestino. Característica marcante em seus versos é o estilo de escrita, que traduzia com fidelidade a fala regional, com todos os desvios da norma. Dessa forma, Patativa registrou, em sua poesia, a oralidade viva da cultura/população nordestina e, principalmente, interiorana.

A literatura de cordel, advinda da literatura oral traduzida prioritariamente pela embolada e o repente, se tornou uma espécie de hipergênero, pois em seu interior abarca outras ramificações, ou seja, tipos de cordéis, tais como, a peleja, o ABC, o folheto de circunstância e o romance. Esse primeiro é a famosa disputa que há entre dois poetas, tendo como característica principal a arte de improvisar as rimas, a fim de vencer o embate depreciando o oponente. Na modalidade escrita, é chamada de peleja e, na sua modalidade oral, embalada, que, quando acompanhada por uma viola, chama-se desafio ou disputa.

Apesar do vasto acervo literário desta vertente, a poesia popular ainda é pouco explorada tanto na academia, quanto nas escolas, e diversos fatores contribuem para essa realidade. Apesar desta não ser uma literatura tão recente no Brasil, ela só começou a ser estudada e valorizada tardiamente. Atualmente, é possível encontrar manuais metodológicos do trabalho com essa literatura, embora não se deva prender-se demasiadamente a estes manuais, mais aproveitar o que mais se alinha com o perfil do seu alunado. Assim como qualquer outra literatura, é desafiador para o professor, em sala de aula, propor a produção de um gênero literário. Desta feita, levar em consideração o ambiente e conhecimentos do alunado é fundamental para o progresso do trabalho com o texto literário na escola.

Nesta perspectiva, no segundo semestre de 2017, realizamos uma pesquisa em uma escola pública estadual situada Campina Grande, Paraíba. Através de um questionário sociocultural, o qual possuía questões abertas e de múltipla escolha, buscamos observar os horizontes epistemológicos e culturais dos alunos do ensino fundamental II. O questionário foi aplicado com alunos do 9º ano, do regime regular, do turno da noite. Sendo 70% do gênero masculino e 30% do gênero feminino, eles tinham afixa etária entre 16 e 22 anos. Procuramos saber, especificamente, qual o grau de conhecimento, leitura e escrita dos alunos com relação aos folhetos de cordel.

A pesquisa bibliográfica/qualitativa nos permitiu estudar diversos textos, que foram escolhidos para dar o suporte necessário para a este estudo, no sentido de poder apreciar

teoricamente questões essenciais para compreensão do trabalho com o folheto de cordel em sala de aula. Nesse ínterim, a pesquisa Bibliográfica serve de ponto de partida para abordarmos a temática. Como Ressalta Severino (2007), a pesquisa é realizada a partir de registros disponíveis de pesquisas realizadas anteriormente, que foram publicadas em livros, artigos, teses entre outros meios de divulgação.

A LEITURA E A ESCRITA CRIATIVA DE FOLHETOS

O primeiro passo, a ser dado no trabalho com a literatura popular em sala de aula, segundo Marinho e Pinheiro (2012), deve ser a aproximação afetiva do próprio professor com esse gênero literário para que ele possa compreender de modo mais abrangente possível o que o texto busca transmitir, e com isso conduzir as leituras e reflexões acerca das obras.

Desse modo, na busca desta compreensão efetiva da poesia popular, é necessária a leitura e posterior discussão dos folhetos em sala de aula, no intuito de fazer com que o aluno penetre no universo representado nos versos e enxergue a realidade nordestina e cultural pelos olhos dos próprios autores, percebendo o diálogo travado entre o texto e a cultura, analisando sua proximidade com a vida cotidiana e a própria comunidade em que estão inseridos.

Além de mostrar aos alunos “o novo” gêneros desconhecidos e textos, deve-se também sondar os seus repertórios de leituras, de conhecimento sobre o assunto, pois,

“[...] é importante valorizar as experiências locais, descobrir formas poéticas que circulam no lugar específico de cada leitor. Descobri-las, dar-lhes visibilidade é uma tarefa da maior importância na formação leitora e cultural dos nossos alunos.” (MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 126).

Assim, o professor deve realizar operações no intuito de conhecer as expectativas e preferências do alunado, observando o que mais lhes chama atenção, para poder adaptar e modificar o modo como irá ser tratado o objeto de estudo, afim, de ampliar suas experiências de leitura.

Após a sondagem, vem a leitura do texto e esta deve ser feita prioritariamente em voz alta, pois este é um tipo de literatura que traz consigo uma musicalidade inerente, o ritmo, a entonação, coisas que a leitura somente para si não contempla, além de que outros traços podem se perder, como pontua Marinho e Pinheiro (2012):

Trata-se de dar expressividade à leitura – encontrar o seu *páthos*, o núcleo afetivo da narrativa. Por

exemplo, se a narrativa tem um tom humorístico a leitura deve realçar esse traço; se apresenta um tom dramático [...], a leitura pedirá uma realização diversa, que valorizará os momentos fortes de dor, de desalento e de revolta. Portanto diferentes e repetidas leituras em voz alta é que vão tornando o folheto uma experiência para o leitor. (MARINHO E PINEIRO, 2012, p. 129).

Desse modo, o aluno irá se familiarizar e se afeiçoar com esse tipo de leitura. Além da leitura em voz alta, o professor deve trazer diferentes temáticas para serem trabalhadas, diversas visões de um mesmo objeto, afim de, mostrar-lhes a diversidade de abordagens, de pontos de vista, de diálogos entre textos, de modos de expressão dos autores, instigando-os à discussão e ao debate.

Durante as discussões e estudo dos textos, ainda pode-se trazer à pauta, noções, como a de intertextualidade, intermedialidade, que vez ou outra permeiam estes textos, e a noção de interdisciplinaridade, como o trabalho com as xilogravuras, aliando assim a literatura com a pintura. Ainda, partindo do pressuposto de que quase sempre estamos imitando, (re)criando, e nos apropriando das criações de outrem, é possível lançar a sugestão da produção criativa em sala de aula.

O que torna a produção de um texto literário diferente da produção do não literário não é o processo, uma vez que ambos devem passar pelas etapas de planejamento, escrita, revisão e reescrita, mas o viés criativo, lúdico, subjetivo que permeia a produção literária, além de uma posição diferente do professor no trato com as revisões dos textos.

Apesar de a escrita ser para muitos uma tarefa difícil, é importante que “[...] todo o processo seja alegre, mesmo que trabalhoso, e que não destrua a fruição vivenciada pelos alunos com a leitura dos folhetos” (Marinho e Pinheiro, 2012, p. 134). Desse modo, os resultados poderão ser satisfatórios, no que toca um ensino-aprendizagem de qualidade.

Além do trabalho com a leitura e produção do gênero, um aspecto muito recorrente na produção literária dos cordelistas é a variação linguística. Apesar de ser um traço muito característico deste gênero, vai de encontro ao que é propagado no ensino tradicional de língua, na qual, a escrita deve seguir a estrutura padrão, e estes “desvios” devem se restringir a oralidade. Porém, quando se trata de gêneros literários essa regra não se aplica, e observando as origens do folheto de cordel na literatura oral, este se tornou um traço muito forte e singular que representa o nosso povo, tradição e cultura.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) afirmam que os conteúdos de Língua Portuguesa nas escolas devem ser relacionados em função das habilidades dos alunos. Por isso, o uso da língua oral deve ser levado em consideração, assim como a análise e reflexão da língua. Considerar o conhecimento prévio do aluno é um princípio didático para todo o professor que almeja um bom desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

É necessário mostrar aos estudantes que existem usos na oralidade que não cabem na escrita e que, por outro lado, nem uma é mais importante que a outra. Essas diferenças se situam em um *continuum*, tais diferenças não se dão de forma dicotômica. Assim, há situações em que as formas usadas na escrita são as mesmas usadas na fala e vice-versa.

Os Parâmetros ressaltam que a escola não aceitou a tarefa de ensinar os usos e formas da língua oral. E quando o tentou fazer foi de maneira imprópria: tentando retificar a fala “errada” dos alunos por não ser coincidente com a variedade linguística do prestígio social. “Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é”. (PCN’s, 1997, p. 49).

O ensino da gramática é tido como principal forma didática das aulas em algumas escolas, pois o ensino de língua portuguesa baseia-se quase que exclusivamente em suas regras até os textos e as leituras feitas, em sala de aula são puro pretexto para aplicação gramatical. Que geralmente não ensina a língua portuguesa, por ser usada descontextualizada, amorfa da língua como potencialidade.

Segundo Antunes (2003) é importante fazer com que o aluno desenvolva as competências necessárias para eventos de comunicação oral pública. Para isso, é importante fazer com que os alunos notem as diferenças lexicais, sintáticas e discursivas que caracterizam a fala formal e a informal.

Como nos relata Bagno (2008) existem dois tipos de discurso que se contrapõem o *científico*, embasado nas teorias da linguística moderna e o do *senso comum*, impregnado de preconceitos, no qual opera a noção do erro.

Bagno (2008) ainda afirma que a para mudar essa realidade o professor precisa compreender que a língua sofre mudanças durante o tempo e que ela é “viva”. Sendo assim, é unanime a compreensão que as línguas não são iguais, mas variáveis, dinâmicas e múltiplas. Nesse aspecto, a discussão de novas práticas na esfera escolar desencadeou uma reforma da visão de ensino da língua portuguesa, auxiliada pelos (PCNs), em que o ensino passou a ser voltado para as práticas sociais, considerando oralidade e escrita, sob a ótica das variedades

que a língua tem, não vinculando o ensino tão somente à língua culta.

Esse novo enfoque de ensino vai em direção ao respeito às diversidades no ambiente escolar, proporcionando a todos os alunos a garantia ao acesso aos conhecimentos linguísticos necessários para o aprendizado cidadão, sem abandonar sua origem e hábitos sociolinguísticos e culturais. Sendo de fundamental importância para o ensino de língua materna a variação linguística vem desmistificar a noção de uma língua única mostrando aos alunos quão importantes para manutenção da cultura de um povo é a sua linguagem.

Miota Lopes (2006) expõe que a linguagem está em constante movimento, afirmando que, precisamos estudá-la em seu uso e devemos analisar alguns aspectos, como, a história e a cultura do povo que a utiliza. Nesse contexto, faz-se importante o trabalho com o folheto nordestino para se refletir sobre a os diferentes dizeres apresentados na sua formação linguística.

No próximo tópico faremos uma explanação sobre os dados coletados no questionário sociocultural apresentando as perguntas e as respostas dos alunos

QUESTIONÁRIO E ANÁLISE DE DADOS

1. LEITURA E LITERATURA:

Você gosta de ler? Sim () Não ()
Apenas 25% gostam de ler.

Tal resultado sinaliza que a escola precisa aprimorar técnicas que desenvolvam nesses alunos práticas de leitura, que eles possam desenvolver o gosto pela leitura e vê-la não apenas como uma obrigação. Segundo os PCNs “Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente.” (PCN de Língua Portuguesa de 5ª a 8ª Série, 1998; p. 17).

Qual seu gênero literário favorito?

Poesia () Conto () Crônica () Romance () Peça Teatral () Folheto de cordel () Outros (). Qual (is)?

12, 5 % crônica; 25% poesia; 35% cordel; 12, 5 % romance; 12, 5% conto; 2,5% não responderam.

Percebemos que dos gêneros literários apresentados o folheto de cordel é o mais lido pelos alunos. Segundo os PCNs é de fundamental importância o trabalho com o texto literário incorporado às práticas cotidianas na sala de aula. (BRASIL, 1997)

Você já leu folhetos de cordel (cite os que você mais gostou)?

75% já leram folhetos de cordel, 35% leem frequentemente, o que revela a acessibilidade do gênero. Cabe a escola e aos professores trabalhar mais esse gênero por ele ser uma leitura simples, que vem de um gênero oral, o cordel pode ajudar no trabalho com a oralidade tendo relação direta com a variação linguística, principalmente com as variantes regionais. Assim, contribuindo com o desenvolvimento de novos vocabulários, timbres, formulações sintáticas, entre outras. Assim os alunos poderão desmistificar e anular o preconceito linguístico e, mais que isso, compreender e valorizar sua própria cultura, através do trabalho e das visibilidades atribuída à produção nordestina por meio do estudo do cordel.

Onde você teve acesso ao cordel?

50 % tiveram acesso na escola e 25% em casa

Você já tentou escrever um cordel? Onde?

35% tentaram escrever na escola

De quais autores você mais gostou?

Os citados foram: Patativa do Assaré, Bráulio Bessa, Zé Bezerra, Pedro Monteiro.

CONCLUSÃO

A cultura nordestina vem há muito tempo sendo trabalhada em sala de aula, para que se desmistifique velhos estereótipos a respeito da região e, principalmente, para que se conscientize a população a respeito da valorização e manutenção de sua cultura. Nesse sentido, a literatura de cordel aparece como um dos maiores símbolos da arte popular, principalmente por ter se originado no Nordeste, ganhando um espaço de destaque na literatura regional.

Promover o contato dos alunos com o cordel e fazer com que eles reflitam a respeito da memória de seu povo retratada nesse gênero, bem como proporcionar aos discentes uma compreensão consistente do que vem a ser e de como se constitui o gênero cordelístico, sua estrutura, sua função social e sua importância como literatura, possibilita o estabelecimento de uma relação mais próxima entre escola e sociedade, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes socialmente e para a manutenção da cultura de um povo, uma vez que a literatura é reflexo da história da humanidade, apresentando visões acerca de determinadas realidades em meio ao imaginário das letras.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Maria Irlandé Costa Morais. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** São Paulo: Parábola, 2007.

ANTUNES, Irlandé. **Aula de Português: encontro & interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico. O que é como se faz.** 50. ed. Rio de Janeiro: Loyola, 2008,

BRASIL. **Parâmetros Curriculares nacionais: Língua Portuguesa: primeiro e segundo ciclos / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental.** 3. ed. – Brasília : A Secretaria, 1998.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais; definição e funcionalidade,** In: DIONÍSIO. A. P., MACHADO, A. R.; BEZERRA M. A. **Gêneros textuais e ensino.** São Paulo: parábola Editorial, 2010.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar.** São Paulo: Cortez, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org); DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu: **Pesquisa social – Teoria, método e criatividade.** 21 ed. Petrópolis: Vozes. 1993

MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que o professor precisa saber: a teoria na prática.** São Paulo. Parábola editorial, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim, **Metodologia do trabalho científico.** 23 ed. Ver – São Paulo: Cortez, 2007.